

## **PROFISSIONALIZAÇÃO DO VOLEIBOL FEMININO NO BRASIL – O CENÁRIO**

Tatiana Sviesk Moreira<sup>1</sup>  
Ana Leticia Padeski Ferreira<sup>2</sup>  
Wanderley Marchi Júnior<sup>3</sup>

### **Resumo:**

*O presente estudo visa explicitar o cenário da transição do amadorismo para a profissionalização do voleibol feminino no Brasil evidenciando algumas das mudanças ocorridas no formato desta modalidade dentro do recorte temporal delimitado nas décadas de 1970 e 1980. Utilizando como base o levantamento de dados realizado em revistas, jornais, documentos da época, e entrevista com duas das atletas que participaram deste cenário em nível de seleção nacional, o trabalho identifica as condições sociais existentes na transição, essas que, por sua vez, justificariam a trajetória histórica desta modalidade no Brasil.*

**Palavras Chave:** voleibol feminino, profissionalização,

### **Introdução**

Na atualidade, o voleibol brasileiro se configura como potência tanto no âmbito internacional quanto nacionalmente falando. Internacionalmente, ao longo do tempo, a modalidade apresenta uma série de resultados expressivos nas competições de maior representatividade. No tangente à sua manifestação enquanto estrutura esportiva no Brasil, os avanços são nitidamente perceptíveis desde meados da década de 1970.

Este esporte foi viabilizado no cenário esportivo brasileiro através do estabelecimento e manutenção de relações sociais pertinentes entre determinados agentes e instituições, e, em decorrência disto, as ações estratégicas foram possibilitadas, passando o voleibol a ser mais bem aceito pelo público praticante e expectador. Com o apoio fundamental da iniciativa privada, de agentes midiáticos e dos seus dirigentes, tanto no masculino quanto no feminino, o esporte em questão se situa numa posição favorável dentre as modalidades esportivas no país.

... o esporte no Brasil apresenta sérios problemas estruturais que necessitam ser enfrentados e resolvidos, tais como: a péssima estrutura organizacional que permeia quase todos os níveis do esporte brasileiro, com destaque para a falta de planejamento, a descontinuidade das ações e a ausência de dados organizados e confiáveis; ausência de uma política de esportes para a população em geral, que facilite o acesso à prática esportiva orientada e às instalações esportivas; a monocultura do futebol, que ainda impera no país; a deficiência na formação de profissionais técnicos das várias áreas envolvidas na atividade esportiva; a falta de estrutura de apoio ao ex-atleta. (KAZNAR, 2002, p. V)

---

<sup>1</sup> Mestranda – DEF / UFPR

<sup>2</sup> Mestranda – DECISO – CEPELS / UFPR

<sup>3</sup> Doutor – DEF – DECISO – CEPELS / UFPR

O voleibol se destaca dentro desta realidade do campo esportivo brasileiro como exemplo de organização, administração e performance, dentro e fora das quadras, com equipes masculinas e femininas disputando os principais campeonatos nacionais e uma constante reformulação e adaptação no seu modelo, “o que estimula a prática e a divulgação do voleibol entre os jovens.” (KAZNAR, 2002, p. VI) Esta caminhada ascendente do voleibol teve início em meados da década de 1970 com um plano de desenvolvimento promissor encabeçado por dirigentes aptos a cumprir esta missão.

Em 1975, a entrada de Carlos Arthur Nuzman na presidência da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), favoreceu os primeiros passos para a profissionalização do voleibol<sup>4</sup>. Até então, o voleibol assumia no Brasil características de esporte amador, isto é, dentre outras coisas, os atletas não recebiam retorno financeiro para jogar. Para Nuzman, o fato que marcou o início desta transição foi o jogo ocorrido entre as equipes masculinas de Brasil e Polônia (campeã olímpica em Montreal) nas Olimpíadas de Moscou em 1980 onde, perdendo de 2 *sets* a zero, o Brasil conseguiu virar o jogo e vencer por 3 *sets* a 2<sup>5</sup>.

Marchi Jr (2001, p. 120) afirma que o então executivo da companhia de seguros Atlântica/Boa Vista, Antônio Carlos de Almeida Braga, assistindo ao referido jogo perguntou a Nuzman o motivo de aqueles atletas estarem jogando no exterior e o que faltava para o Brasil possuir equipes capazes de desempenhar performances como a ali apresentada. Nuzman então respondeu que necessitava profissionalizar o esporte e propôs ao empresário que, caso ele apoiasse, proporia ao Conselho Nacional de Desportos (CND) que as empresas pudessem entrar no voleibol como já acontecia no exterior.

Amparado por Antônio Carlos de Almeida Braga, Nuzman travou uma luta com o Conselho Nacional de Desportos que durou aproximadamente um ano, mas conseguiu fazer com que seu pedido fosse aprovado sendo deliberado, a partir de 1981, o fim da proibição das empresas de patrocinarem o esporte, podendo assim, os atletas, mostrarem em suas camisas nomes destes patrocinadores. Além disto, foi dificultada a saída de atletas brasileiros para jogarem em outro país. (MARCHI JR, 2004, p. 121)

Esta estratégia de permanência de atletas no país foi justificada pelo então presidente da CBV, alegando que se atletas brasileiros representassem times estrangeiros, eles estariam comprometendo o retorno de investidores no esporte nacional, além da aceitação popular deste. Ademais, Nuzman associou a má condição física apresentada nas Olimpíadas de Moscou à temporada de treinamentos e jogos da Liga Italiana. (MARCHI JR, 2004, p. 121)

Partindo da sumária descrição apresentada acima, identificamos as transições ocorridas na lógica interna do voleibol enquanto um processo histórico e socialmente construído que envolveu indivíduos dotados de potencialidades de ação em sua esfera social. Porém cientes de que o voleibol masculino, no contexto da profissionalização, adquiriu maior visibilidade, trazemos em nossa pesquisa, de maneira descritiva, o

---

<sup>4</sup> O dirigente não foi o único responsável pelo desenvolvimento do voleibol no Brasil, pois, devido ao estágio de profissionalização que os outros países apresentavam no contexto, no Brasil este processo também se daria, porém, dada a sua inserção e “base de apoio no meio político-conservador e empresarial”, suas medidas se efetivaram com êxito. (MARCHI JR, 2004, p.123)

<sup>5</sup> Marchi Jr (2001, p. 119) aponta que o ex-presidente da CBV se referiu a essa partida como “um dos jogos mais importantes para a história do voleibol”. Em entrevista publicada na revista **Saque**, São Paulo, n.1, 1985.

mapeamento do cenário do voleibol feminino mediante suas transformações na direção de uma profissionalização, buscando identificar as suas condições de permanência dentro do plano de desenvolvimento proposto por Carlos Arthur Nuzman.

O voleibol feminino no movimento de profissionalização.

A inserção do voleibol feminino brasileiro nas Olimpíadas se deu em 1980, em Moscou, por conta do boicote dos soviéticos, marcando também a primeira participação feminina de esportes coletivos do Brasil neste evento enquanto a equipe masculina de voleibol já havia participado desde 1964.

As equipes femininas não possuem um histórico significativo em termos de resultados nas tabelas de classificação dos Jogos Olímpicos no recorte temporal focalizado. Conseguiu em Moscou, no ano de 1980, o quinto lugar, em Los Angeles, no ano de 1984, enquanto o masculino obteve a prata olímpica, ficou com a sétima colocação, e, em 1988, ficou, nas Olimpíadas de Seul, com o sexto lugar. (BIZZOCCHI, 2004, p. 262)

A diferença de resultados em competições de grande visibilidade entre as equipes masculinas e femininas do Brasil, segundo uma das atletas entrevistadas, acarretou numa distinção entre atletas dos times masculinos e femininos no que se concerne aos direitos de imagem pagos por empresas em troca das propagandas dos produtos.

Num momento em que o profissionalismo se tornava latente no voleibol brasileiro, dadas as necessidades das empresas, clubes e seleções em manterem os seus atletas e da melhora de rendimento almejada pela Confederação Brasileira de Voleibol, os clubes utilizavam estratégias, contratando atletas como funcionários, as empresas pagavam direito de imagem, e as emissoras pagavam direito de arena aos clubes.

Neste contexto, como o selecionado masculino apresentava melhores resultados em quadra, as empresas tratavam com a Confederação para patrocina-lo, e a CBV repassava uma ajuda de custo para o feminino poder participar do campeonato. Então os atletas do masculino recebiam pelo direito de imagem, e as jogadoras faziam a propaganda, porém não recebiam, ademais, o interesse das empresas era o de fazer publicidade em cima dos atletas mais reconhecidos.

Essa diferenciação entre atletas do selecionado brasileiro masculino e do feminino fez com que conflitos internos ocorressem. Algumas jogadoras não entendiam o motivo da distinção, além disto, essas desavenças aconteceram em um momento em que Nuzman vislumbrava uma lógica profissional que também envolvia mídia impressa e televisiva, e, por isto, a disciplina teria papel fundamental para os atletas, principalmente de seleção.

No ano de 1977, algumas atletas foram convocadas para a seleção brasileira que iria disputar o Mundial Juvenil no Brasil. Fazia parte de um alcance maior que era pensado pela dirigência, a classificação para as Olimpíadas de Moscou. As atletas, adultas e juvenis, de diversas regiões do Brasil, ficaram concentradas na cidade de Belo Horizonte em uma casa alugada durante seis meses, treinando aproximadamente seis horas por dia. Nesta concentração, o modelo de disciplina já se instaurava, as jogadoras tinham horário para almoçar, para dormir, se deslocavam para a escola com uma Kombi própria, enfim, seguiam uma certa rotina o que não era de costume para elas até então.

“A verdade é que éramos meio diferentes e estranhávamos bastante aquele regime quase militar. O diretor morava na casa da frente, era conservador e chato, um sistema de vigilância constante, um massacre.” (SILVA, 2004, p. 43) Esta citação da ex-jogadora

Jacqueline Silva se refere à ela e à Isabel no contexto da concentração em Belo Horizonte, as duas que tinham saído do Rio de Janeiro para integrar a seleção, e que durante a atuação na seleção brasileira tomaram algumas atitudes polêmicas e, por isto, foram cortadas por diversas vezes.

Em 1978, a revista *Manchete* publicou uma matéria sobre o voleibol feminino intitulada “Elas querem ser campeãs”, onde as atletas, entusiasmadas com o sétimo lugar no Mundial em Leningrado, alimentam esperanças para as Olimpíadas de Moscou, o técnico Ênio Figueiredo argumenta que a seleção feminina chegará entre as quatro primeiras equipes. (*Revista Manchete*, 19 de setembro de 1978, p. 20)

Esta colocação, segundo uma das entrevistadas, representou um momento de modificações, pois a equipe pôde viajar para outros países antes da competição, as atletas ganharam um primeiro uniforme, da Asics, e conseguiram um sétimo lugar inédito, pois a colocação do Brasil no feminino no Mundial era décimo sexto-lugar. Heloísa comenta também em entrevista que depois desta colocação o Brasil não apresentou um resultado menos expressivo na competição. A seleção feminina conseguiu sua primeira medalha de prata no Pan-Americano de Porto Rico, do ano de 1979, segundo a entrevistada, os treinamentos já estavam mais bem estruturados.

No ano de 1980, por conta do boicote confirmado, com os Estados Unidos e os países aliados não participando das Olimpíadas de Moscou, a seleção brasileira feminina vai aos Jogos Olímpicos pela primeira vez. A experiência se mostrou relevante, pois com o intercâmbio, os profissionais envolvidos no voleibol brasileiro podiam visualizar as condições do esporte no mundo, saber como as principais equipes jogavam e possibilitar a experiência das atletas de jogar contra eles.

Nem tudo era maravilhoso, porém. O clima na delegação brasileira, por exemplo, não era nada bom. Ainda vivíamos sob ditadura militar e era este o regime que dominava, sob a liderança do presidente do COB. Eles não deixavam a gente fazer nada. O terror imperava. A atmosfera entre nós era o resquício do que vivíamos no Brasil. Cada atleta que vai para uma Vila Olímpica ganha uma tralha de material esportivo. Tínhamos que andar pra cima e pra baixo com aquela mala e vestidas de acordo com o ritual. Se eles encontrassem um atleta sem uniforme completo, era a maior bronca. (SILVA, 2004, p. 59)

A citação da ex-atleta Jacqueline Silve se referindo à Olimpíada de Moscou remete à questões relacionadas ao esporte amador do contexto, ao estágio do processo pelo qual o voleibol feminino perpassava, onde jogava-se voleibol por amor, não existia, de fato uma estrutura que apoiasse a seleção à manter bons resultados. A postura polêmica da atleta vinha contra a lógica vigente no momento no lócus social no qual o voleibol estava envolvido. O Brasil terminou a competição em sétimo lugar.

No ano de 1981, ocorreu um marco histórico para a seleção feminina de voleibol, no campeonato Sul-Americano, o Brasil conquistou o ouro na cidade de Santo André, estado de São Paulo vencendo o até então hegemônico Peru. Naquele momento, o Brasil quebrou uma hegemonia de onze anos, em um ginásio lotado por 4500 torcedores. (SORMANI, 1981, p. 68) As atletas, o treinador e a comissão técnica receberam telegramas do

Presidente da República, João Figueiredo e de alguns ministros de Estado, agradecimentos e felicitações. (CUNHA, 1981, p. 25) Esta reação do campo político pode sugerir a magnitude de tal vitória.

...tanto jogadoras quanto dirigentes são unânimes em reconhecer: a vitória sobre o Peru teve um significado psicológico vital para o vôlei feminino brasileiro e abriu as portas para este esporte, quem sabe, atingir um lugar de destaque e ser respeitado no plano internacional, como já acontece com o vôlei masculino, presente a todas as grandes competições no exterior. (CUNHA, 1981, p. 25)

Neste Sul-Americano sediado no Brasil, por motivo de indisciplina, Jacqueline e Isabel não participaram da final contra o Peru, foram cortadas, e o título foi atribuído à união do time, sendo que Nuzman confere a este resultado o crédito da vitória da disciplina sobre a indisciplina, se referindo ao corte das jogadoras. (CUNHA, 1981, p. 25)

Outra questão a ser considerada no que se concerne às atletas Jacqueline e Isabel é a relação estabelecida entre ambas e o técnico da seleção, Ênio Figueiredo. Jacqueline e Isabel estudaram juntas no colégio Notre Dame onde Ênio Figueiredo era técnico. Desta maneira, quando foram convocadas para a seleção, e ficaram alojadas em Belo Horizonte no ano de 1977, já o conheciam, e como as atletas que integravam a seleção foram convocadas de variados estados do Brasil. Em outras palavras, um possível acréscimo de capital social que pode ter influenciado nas formas de se portar enquanto atleta numa seleção onde a disciplina teria o seu papel fundamental para as metas a serem atingidas.

Tinha me preparado muito para aquele Sul-Americano. Queria muito jogar, ver aquela torcida que me levantava, me fazia flutuar. Mas sempre foi assim. Porque nós começamos com ele, o Ênio acabava por nos discriminar, achando que era o responsável pelas nossas carreiras. Sabe aqueles discursos de pai, mãe, padrinho, professor: estou fazendo isto para o seu bem? (SILVA, 2004, p. 67)

Mesmo a seleção feminina do Brasil tendo conquistado o primeiro lugar no Sul-Americano, e uma melhor colocação no Mundial de Leningrado, a estrutura era fundamentalmente amadora, e, segundo a jogadora Célia, em entrevista para o Jornal O Globo, a falta de resultados da equipe feminina era fruto dessa estrutura do esporte amador no país:

É impossível manter uma seleção brasileira em atividade o ano inteiro, pois a maioria dos atletas tem que estudar e trabalhar. Como arranjar tempo para jogar vôlei? Nesta situação, conseguir um quinto lugar na Copa só pode ser uma tarefa impossível. (O Globo – 16-11-1981)

Contrapondo os aspectos negativos relativos à falta de disciplina de Isabel e Jacqueline, é evidente um outro tipo de tratamento dado pela mídia a essas atletas, utilizando motivações estéticas para produzirem reportagens sobre elas. Um exemplo saiu na matéria da capa da revista Veja de 15 de setembro de 1982. A reportagem era intitulada

“A bela Isabel, boa de bola” e o foco foi a construção de um corpo “forte e saudável no esporte”.

Isabel já era vista e reconhecida no cinema logo depois do Mundialito, ao comparecer de camiseta, jeans, tênis, cabelo preso em coque e nenhuma maquiagem ao Cine Germini, em São Paulo [...] Com seus 69 quilos de peso distribuídos ao longo de um talhe delgado, mais forte nas pernas que a impulsionam que nos braços que cortam e rebatem, Isabel anda com vigor de quem sabe exatamente aonde vai, fala com desembaraço e orgulha-se dos seus belos olhos escuros e meigos, as grossas sombrancelhas que os realçam e a pele clara e delicada. É bonita. (Revista *Veja*, 15 de setembro de 1982)

### Considerações

O ciclo de que o voleibol necessita para se manter em evidência e garantir sua aceitabilidade pelo público brasileiro e, desta forma, pela mídia e empresas patrocinadoras, partiu da revelação de ídolos esportivos em meados dos anos 70 e início da década de 80, desencadeando no interesse inicial das empresas em fazer parte desta modalidade e, sucessivamente, da mídia televisiva em abordá-la em sua programação. A chamada geração de prata – denominação dada à seleção masculina quando conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 1984 – abriu portas para que as empresas começassem a investir no voleibol.

Em suma, os ídolos esportivos desencadeiam o interesse das empresas em fazer parte do voleibol patrocinando equipes e atletas, a mídia televisiva fundamentada pelos altos índices de audiência nas transmissões de jogos e produtos vinculados ao voleibol acreditou na proposta e, alicerçado por esta relação de dependência mútua, o voleibol passa a apresentar um nível técnico ascendente e maiores chances de se manter em evidência.

Considerando que o primeiro passo para a profissionalização do voleibol do Brasil tenha ocorrido mediante a atuação da seleção brasileira masculina nas Olimpíadas de Moscou, onde Carlos Arthur Nuzman iniciou uma aliança empreendedora com Antônio Carlos de Almeida Braga, que funcionou como grande alavanca para a modalidade em questão, temos que as equipes femininas não angariaram tanto interesse dos patrocínios no início desta empreitada por conta de seus ainda singelos resultados.

Carlos Arthur Nuzman, em entrevista à revista *Saque*, visualiza diferenciações entre os times masculinos e femininos que repercutiram nos resultados internacionais e nas respectivas visibilidades. Nuzman afirma que o feminino, diferentemente do masculino, sofreu com o problema de não existir um trabalho anterior.

Então o feminino tinha um técnico que dirigia a Seleção, só ele e sem ninguém, sem apoio de ninguém e chegou ao ponto em que algumas meninas cansavam e outras não conseguiam seguir o nosso sistema de trabalho. Então resolvi acabar e começar tudo de novo. (Revista **Saque**, São Paulo, n.1, 1985, p. 40)

Colocando como parâmetro a seleção juvenil montada em 1977, Nuzman comenta que existiam erros de fundamento de voleibol, mas que ou parava-se tudo para corrigi-los

ou a seleção feminina jogava. Finalizando a resposta, o dirigente aponta que “Agora é que nós acreditamos que essa nova geração do feminino venha, sem dúvida, a melhorar a participação do Brasil no cenário internacional.”

É perceptível ao longo do trajeto delimitado pela presente pesquisa que a seleção feminina brasileira esteve passando por fases de adaptação e que não foi com facilidade que a nova lógica de profissionalização fora instaurada, porém, esteve dentro dos planos de ascensão da modalidade e se inseriu neste espaço de maneira diferente do que o masculino.

O voleibol feminino esteve envolvido por tempo considerável na linha limítrofe entre amadorismo e profissionalização. Enquanto o voleibol masculino já conseguiria driblar a falta de recursos para o atleta com o direito de imagem, o feminino não conseguia se desvencilhar da prática apaixonada.

Sentindo as tensões de uma mudança que não pôde ser acompanhada pela falta do status necessário – o voleibol feminino não obteve a mesma visibilidade garantida pelos resultados da seleção masculina, fundamentalmente pela “Geração de Prata” – o voleibol feminino sofreu com as contradições de um profissionalismo amador.

Neste contexto, a necessidade latente de profissionalizar fez com que se intensificassem as tensões nas relações interpessoais no interior do sub-campo do voleibol feminino, a existência de atletas de diferentes culturas e faixas etárias num mesmo ambiente repleto de “novas regras” que, em um primeiro olhar não faziam sentido para as atletas colaboraram para o estranhamento da situação, porém o potencial de poder dos dirigentes se mostrou mais elevado, entrando em choque somente num nível de relação emocional, que foi o caso da Jacqueline e da Isabel com o técnico Ênio Figueiredo.

A disputa pelo poder é presente e clara neste momento de transição, cada ator social com o seu interesse e com a sua moeda de jogo, o que facilitou a tomada de decisão por parte do maior detentor do poder foi a capacidade de leitura e de ação no campo em questão, eliminando as chances de que suas estratégias de ascensão social fossem minadas.

Apesar dos primeiros resultados nas competições não levarem a uma maior exposição na mídia e não acarretarem em patrocínios que dessem o retorno financeiro esperado, o componente estético esteve presente na profissionalização do voleibol feminino como um chamariz para a modalidade.

A partir do presente estudo, não podemos tecer conclusões sólidas, um embasamento teórico daria conta de elucidar o processo, porém, a objetivação de alguns marcos históricos, possibilitou a visualização do trajeto do voleibol feminino nos seus primeiros passos no sentido de um desenvolvimento e, com isto, melhor identificamos algumas das condições que levaram a profissionalização do voleibol feminino brasileiro a ter uma história singular, mesmo estando diretamente articulada à história das modalidades esportivas no cenário brasileiro.

## Referências

BIZZOCCHI, Carlos. **O voleibol de alto-nível: da iniciação à competição**. Barueri: Manole, 2004. 2 ed.

CUNHA, Ângela Regina. Vôlei brasileiro: a importância de uma vitória. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**. Brasília. nº 48 p.25-28 out/dez 1981.

KASNAR, Istvan Karoly. **O esporte como indústria: solução para criação de riqueza e emprego**. Rio de Janeiro: Confederação Brasileira de Voleibol, 2002.

MARCHI JR, Wanderley. **Sacando o voleibol: do amadorismo a espetacularização da modalidade no Brasil (1970–2000)**. Campinas, 2001, 235 f. Dissertação (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

MARCHI JR, Wanderley. **Sacando o Voleibol**. São Paulo: Hucitec, 2004.

NUZMAN, Carlos Arthur. Carlos Nuzman, o pai da matéria. **Saque**, São Paulo, n. 1, 1985. Entrevista.

SILVA, Jacqueline. **Jackie do Brasil - Autobiografia de uma jogadora não autorizada**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SORMANI, Fábio. Sul-Americano de vôlei – Obrigado, meninas. In: **Revista Placar**. 21 de agosto de 1981.

VALPORTO, Oscar. **Vôlei no Brasil – uma história de grandes manchetes**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

Elas querem ser campeãs olímpicas. **Revista Veja**, 15 de setembro de 1982.

**Jornal O Globo**, 16 de novembro de 1981.